



Segundo o idealizador do projeto, Mario Haberfeld, é importante deixar claro que “habituá-las” não consiste em domesticá-las. Elas continuam totalmente selvagens

No Pantanal, turistas aprendem a descobrir onde a onça bebe água

Com a ajuda de pessoas treinadas na África do Sul, esta prática é conhecida como habituação da onça-pintada

Marcos Morandi
morandi@progresso.com.br

A tarefa não é fácil, mas diariamente muitos turistas têm visitado o Mato Grosso do Sul para descobrir onde a onça bebe água. Em pleno Pantanal e com a ajuda de pessoas treinadas na África do Sul, esta prática é conhecida como habituação da onça-pintada, que tem o objetivo de acostumar o felino à presença de veículos com turistas de diversas partes do mundo.

A ideia começou a ser colocada em prática em 2011, quando Mario Haberfeld, que sempre foi apaixonado por meio ambiente e por automobilismo e atuou como piloto por mais de 20 anos, depois de ter deixado o curso de

Engenharia Mecânica, resolveu criar O Projeto Onçafari e se tornar ‘um amigo da onça’. “Fui à África pela primeira vez com 12 anos e, desde então, sempre pensei em trabalhar com conservação quando me aposentasse do automobilismo”, revela Haberfeld.

“O ecoturismo é uma das ferramentas mais importantes para a conservação pois é bom para todos os envolvidos”

Segundo o idealizador do projeto, é importante deixar claro que “habituá-las” não consiste em domesticá-las. Elas continuam totalmente selvagens, apenas deixam de enxergar os veículos como uma ame-

aça e deixam de se esconder quando o mesmo se aproxima. Outro detalhe importante é que a habituação é feita com os veículos, ou seja, a onça não é habituada a pessoas, uma vez que os turistas não podem descer dos veículos.

Para seguir o rastro da onça de forma segura e bem monitorada, é necessário deslocar-se até o Refúgio Ecológico Caiman, em Miranda. Para quem está em Dourados, é preciso percorrer 375 quilômetros até Miranda e enfrentar mais 37 de estrada de terra. A fazenda de propriedade do empresário Roberto Klabin, fundador das ONGS SOS Mata Atlântica e SOS Pantanal, possui 53 mil hectares e ainda trabalha com criação de ga-

do, mas foi preparada para o ecoturismo e é também o local onde o Projeto Onçafari é desenvolvido.

O ex-piloto explica que as onças se movimentam em campos de gramíneas e matas densas com solo coberto por folhas secas. “São terrenos que dificultam a formação de pegadas. Em alguns casos, o rastreador até pode perder a a trilha. Para reencontrá-lo é preciso analisar o local, interpretar os sinais e se colocar na posição do animal que se está rastreando”, comenta Haberfeld.

Haberfeld explicou à reportagem do Jornal O PROGRESSO que “o ecoturismo é uma das ferramentas mais importantes para a conservação pois é bom para todos

PONTO A PONTO

HABITUAÇÃO

Esta prática do Projeto Onçafari é conhecida como habituação da onça-pintada

RASTROS

Para seguir o rastro da onça-pintada é preciso deslocar-se até a cidade de Miranda

PANTANAL

É a melhor região do Brasil para se desenvolver a observação de animais

os envolvidos”. Segundo ele, todos saem ganhando. Tanto os animais que passam a ser protegidos, como a população local, que passa a ter mais emprego. “É bom para

os donos de terra que tem no ecoturismo uma outra fonte de renda. Além disso, é uma atividade que valoriza as terras e também a própria natureza, árvores, rios e lagos, que passam a ser preservados”, defende o ex-piloto.

Ele conta que escolheu o Mato Grosso do Sul por acreditar que o Pantanal é a melhor região do Brasil para se desenvolver o ecoturismo baseado na observação de animais. “É um espaço totalmente aberto, o que propicia avistamentos, diferentemente da Amazônia, por exemplo”. Além da infraestrutura já existente no local voltada principalmente para o atendimento de turistas de qualquer parte do mundo, o Projeto Onçafari conta com uma logística própria.

“As onças precisam valer mais vivas do que mortas”

A equipe inclui 10 pessoas entre biólogos, guias, rastreadores e veterinários

Marcos Morandi
morandi@progresso.com.br

De acordo com Mario Haberfeld, a equipe inclui 10 pessoas, entre biólogos, guias, rastreadores, veterinários e fotógrafos. Para não perder os rastros das onças-pintada a equipe desenvolve um trabalho praticamente de dedicação exclusiva.

Segundo Gustavo Figueirôa, um dos três biólogos que trabalha no projeto, o ofício requer muito esforço, mas tem suas compensações. “Nós moramos aqui no Pantanal e dedicamos nossa vida a este trabalho. Cada filhote que nasce é identificado e rastreado pela equipe.

Atualmente, 32 onças são monitoradas, inclusive através de instalação de GPS com diferentes graus de habitua-

ção. Além disso, 11 onças-pintada já nasceram nos últimos três anos, desde que o Projeto Onçafari foi fundado”, relata.

Leonardo Sartorello é outro biólogo que participa da equipe. Uma de suas funções é instalar armadilhas fotográficas que capturam imagens das onças e que são utilizadas no monitoramento. Algumas dessas imagens estão disponíveis nas páginas do projeto por meio das redes sociais.

Para manter o projeto em funcionamento, Haberfeld explica que mantém parcerias com empresas como Tetra Pak, Mitsubishi, Suzuki, Grupo Orinter, PTG Pactual, Bank of America, Klabin e de outras instituições, como SOS Pantanal, Instituto Pró-Carnívoros, Cenap/ICMBio e Refúgio Ecológico Caiman.

“Nossos recursos vêm de patrocinadores, doadores, pessoas físicas e também da venda do documentário ‘Onça-pintada, mais perto do que se pode imaginar’, que fil-



Atualmente, 32 onças são monitoradas pelo projeto, inclusive através de instalação de GPS

mamos durante dois anos e meio e será lançado durante este ano. Ele explica, ainda, que em 2015 pretende lançar um livro que fala de ecoturismo e animais selvagens ao redor do mundo. A obra ‘Alma Selvagem’ será publicada pela editora Avisbrasilis, com renda revertida ao Projeto Onçafari.

O idealizador do Onçafari é um otimista quanto à preservação do meio ambiente e ao futuro da onça-pintada. Para ele, o legado que deve ser deixado para as novas gerações depende do que for feito agora. “Acredito que no Pantanal só conseguiremos salvar a onça-pintada se agregarmos valor a mesma. É exatamente isso que o ecoturismo proporciona. Em uma região onde a criação de gado é a principal atividade econômica, precisamos arrumar um modo de fazer as onças serem vistas como um ativo e não como algo que cause prejuízo. As onças precisam valer mais vivas do que mortas”.